



---

**Programação das Apresentações e  
Resumos das Monografias de Bacharelado e  
Licenciatura em História**

---

**Primeiro Semestre de 2018  
Curso de Bacharelado e Licenciatura em História**

## **PROGRAMAÇÃO DAS APRESENTAÇÕES**

---

### **Curso de História – Bacharelado e Licenciatura**

#### **PROGRAMAÇÃO DAS APRESENTAÇÕES DAS MONOGRAFIAS 1º SEMESTRE/2018**

---

**BANCA: Segunda-Feira, 09 de julho de 2018**

**14:00 horas – Sala Carlos Antunes (612), 6º andar do Ed. D. Pedro I**

**Examinadores:**

**Dr. Carlos Eduardo Zlatic (Presidente)**

**Doutorando Thiago Ernesto Possiede da Silva (Membro Titular)**

**Doutorando Gabriel Elysio Maia Braga (Membro Suplente)**

#### **PERSPECTIVAS DE CULTURA E MORALIDADE NA BAIXA IDADE MÉDIA CASTELHANA: O CONDE LUCANOR DE DON JUAN MANUEL (1282-1348)**

Autor: Luccas Abraão de Paiva Vidal

Orientadora: Dra. Marcella Lopes Guimarães

Horário: 14:00 horas

#### **A UTOPIA CIENTÍFICA DE GABRIEL TARDE COMO SÁTIRA AS MUDANÇAS PEDAGÓGICAS NA FRANÇA DO SÉCULO XIX**

Autora: Magda Nunes Ganciné

Orientador: Dr. Rafael Faraco Benthien

Horário: 14:30 horas

# Banca Resumos

## **PERSPECTIVAS DE CULTURA E MORALIDADE NA BAIXA IDADE MÉDIA CASTELHANA: O CONDE LUCANOR DE DON JUAN MANUEL (1282-1348)**

Autor: Luccas Abraão de Paiva Vidal  
Orientadora: Marcella Lopes Guimarães

Palavras-chave: Sociedade Medieval; Castela; Juan Manuel; Literatura.

Dentro de toda a história da humanidade, talvez uma das mais fascinantes formas de expressão de ideias e sentimentos tenha sido feita através do meio artístico, mais especificamente a literatura. Ao produzir uma obra, cada autor cria uma representação pessoal e única da realidade em seu entorno, com suas próprias impressões e interpretações, o que torna pinturas, esculturas e livros formas de compreender aspectos culturais das sociedades do passado.

No contexto medieval ibérico, a Reconquista foi um dos eventos que mais impactaram política e culturalmente o contexto. Embora marcado pelo conflito entre os reinos cristãos e os muçumanos que ocupavam a porção meridional da península, também foi um período de contatos e produção cultural destes povos que conviviam no mesmo território, o que se manifestou na música, arquitetura, culinária, costumes, modismos, pensamentos e, é claro, no mundo literário.

Considerando a literatura como uma das formas de se compreender o comportamento e pensamento de pessoas que viveram naquele período, o presente trabalho de conclusão de curso pretende realizar uma análise de um livro escrito por um importante escritor e guerreiro castelhano do século XIV, Don Juan Manuel (1282-1348). O Livro se chama *O Conde Lucanor*, produzido entre 1330 e 1335, é composto por 51 contos que tratam de diversas situações em que o nobre conde Lucanor, deve perpassar com o auxílio de seu conselheiro Patronio. A cada conto é explicada uma qualidade que um bom líder deve possuir e uma lição de moral para ser aprendida pelo leitor. Seu gênero literário seria de espelho ou educação de príncipes, conhecido como *Exemplum*.

A realização do trabalho se justifica pelo fato de que este seria o único livro de ficção de toda a produção do autor (e seu mais famoso), muito explorado dentro da área de letras como um dos marcos do desenvolvimento da língua vernácula castelhana e da tradição da prosa medieval, em que a história aparece como aliada à sua explicação. Os historiadores têm optado por tratados como o *Libro del Caballero et del escudeiro* e o *Libro de los estados*, mas *O Conde Lucanor* é dotado de um conteúdo muito rico, baseado na época e em experiências de vida do nobre castelhano, mostrando um lado mais sutil e “artístico” de sua percepção do período.

O livro de Manuel foi escrito em vernáculo dentro de uma profunda tradição oral da literatura espanhola, que até o século XIV consistia nas poesias (fora documentos oficiais e crônicas), aponta que tinha desejo de propagar seu trabalho para o público do período (leitura em voz alta). Seus conselhos e morais são destinados a todos os leitores, sejam da nobreza ou plebe, já que qualquer pessoa pode se encontrar em dilemas parecidos aos do texto, e aproveitar suas sugestões de superação. Isso contribui para a popularidade do livro até os dias de hoje.

Assim sendo, este estudo tem como proposta motriz descobrir qual foi o projeto de modelos de comportamento, moral e relações sociais, que a elite castelhana buscava sugerir para a sociedade, com um destaque aos que governavam, mas podendo aplicar esses códigos para o povo no geral, através do livro de Don Juan Manuel.

Os objetivos são descobrir quais seriam estes comportamentos que o escritor julga adequados ou desejáveis pelos membros da sociedade que teriam acesso a seus escritos; quais os tipos de homem medieval apresentados pelo texto; a questão da moralidade e do

bem fazer; como eram tratadas as situações sociais apresentadas no livro como o roubo, amor, casamentos, honra, traição, etc; qual a postura literária do autor; e os conflitos pessoais que influenciaram na escrita da obra e que podem delinear seu perfil ideológico (psicológico). Para responder a estes questionamentos, o trabalho foi organizado em três capítulos: o primeiro sobre a vida do autor no seu contexto, o segundo tratando da sua relação com a literatura e o terceiro onde são analisados o prólogo da obra e seus exemplos.

Primeiramente é feita uma contextualização do termo Reconquista, relatando sua origem histórica no Reino das Astúrias a partir da migração de clérigos moçárabes para o norte da península, e a tradição do “mito” da herança visigótica. Porém na Idade Média foi pouco utilizado, surgindo como um conceito histórico nacionalista, romântico e colonialista no século XIX. A Reconquista estava associada à identidade nacional espanhola, assegurando um passado comum a todas as regiões e diferenciando a Espanha do resto da Europa. Com o tempo este significado deu lugar à denominação de um período de expansão dos reinos cristãos. Mais do que isso, trata-se de uma conjuntura histórica que perpassa muitas relações além da guerra. A organização social, política e econômica de alguns reinos, especialmente Castela foi muito influenciada pelo caráter bélico da Reconquista que estruturou seu feudalismo baseado neste conflito e sua ideologia.

Em seguida narra-se a organização do reino de Castela e Leão no século XIV. Após o surgimento como condado, Castela teve sua independência em 1065 e uniu sua coroa a de Leão em 1230, o que confere ao reino o nome dos dois no contexto. É demonstrado que Castela foi um dos principais reinos responsáveis pela conquista do sul da península ocupado pelos muçulmanos e no século XIV haviam encurralado os mouros no reino de Granada.

A Coroa de Castela durante a Baixa Idade Média passava por uma etapa de crise e perturbação política e social provocadas principalmente pela necessidade dos monarcas castelhanos de realizar reformas que buscavam normatizar os códigos de leis no reino reforçando o poder real. O resultado desta centralização foi a oposição feita por grupos nobiliárquicos que buscavam fortalecimento regional. O histórico conflituoso foi fruto da instabilidade política durante 3 momentos: a transição do reinado de Afonso X (1281-1284) e a ascensão de Sancho IV (1284-1286) com a guerra civil e ilegitimidade do novo monarca; a morte prematura e as revoltas da nobreza durante o reinado de Fernando IV (1295-1312); e a minoridade de Afonso XI (1312-1325), com o embate violento pela sua tutoria. Aliado a isso ocorria a chamada Crise do Século XIV, com a inflexão demográfica (migração e mortalidade alta), crise econômica (carência de alimentos, pecuária ocupa espaço da agricultura e desvalorização das moedas), guerras entre cristãos e mouros, a fome, a pestilência, cisma do ocidente, etc.

Foram nestes tempos que viveu Don Juan Manuel (1282-1348), o príncipe de Villena, senhor de Peñafiel e Escalona. Seus pais foram o Infante Don Manuel, irmão de Afonso X, e Beatriz de Saboia. Com apenas 10 anos já era órfão e assumiu a administração das posses da família com o cargo de *adelantado* de Murcia. Viveu na corte de Sancho IV que era seu amigo, mas sempre se opôs ao seu filho Fernando IV. Sua atuação política mais importante foi em dois momentos: Na tutoria de seu primo-sobrinho Afonso XI, e as rebeliões contra ele quando já era mais velho. Juan Manuel derrotou as outras facções nobiliárquicas e monárquicas para atingir seu sonho de governar toda Castela, mesmo que momentaneamente através da posição de tutor.

Tentando assegurar poder, arranjou o casamento de sua filha Constança Manuel com Afonso XI quando ele atingiu a maioridade. O monarca não cumpriu o acordo e casou-se com Maria de Portugal, prendendo Constança e declarando guerra a seu pai. Esta declaração de guerra ocorreu porque Don Juan era um dos senhores mais poderosos do

reino, *adelantado* (governante) da fronteira com Granada e amigo do rei de Aragão (reino vizinho rival a Castela), ou seja, um inimigo da centralização de poder nas mãos do rei castelhano. Juan Manuel mobilizou uma aliança entre Aragão, Portugal, seus vassalos e os mouros e intimidou Afonso que lhe conferiu o perdão, e anos mais tarde a benção ao casamento de Constança com Pedro I de Portugal. O nobre ficou em maus termos com o rei, mas se uniram algumas vezes para lutar contra a invasão do Sultão do Marrocos, e na batalha do Salado (1440).

Além de ser de uma família rica e ter sido importante na política do seu reino, cultivou o amor à caça e à escrita. Sua produção consiste em 8 livros que sobreviveram aos dias de hoje e muitos mais que foram perdidos: *Crónica abreviada*, *El conde Lucanor*, *Libro de la caça*, *Libro de las três razones*, *Libro de los estados*, *Libro del cavallero et del escudeiro*, *Libro infinido* e *Tratado de la Asunción de la Virgen María*.

Sua grande preocupação foi o desenvolvimento da língua castelhana, que estava ocorrendo na conjuntura em que viveu, da ascensão das línguas vernáculas em detrimento do latim. A maioria de suas obras são do tipo didático e moralizante, sendo a mais conhecida a de *Lucanor*. Outra característica sua é que foi o primeiro autor espanhol preocupado com a individualidade, originalidade e criação de seu próprio estilo literário. Ele buscava escrever de forma bem direta, sucinta e objetiva, sem aparatos formais, ao mesmo tempo mantendo o texto rico e expressivo. Utiliza-se da falsa modéstia ao se considerar um mau escritor, é obsessivo quanto a manter seu texto no original com ideias claras de autoria. Era zeloso quanto a transmissão da sua obra, o que o levou a escrever um grande manuscrito contendo todas elas e guardá-las no monastério dominicano de Peñafiel (com quem tinha boas relações). Caso tivessem erros na obra que estavam lendo, consultassem seus próprios manuscritos que julgava original e livre de erros. Isso demonstra uma preocupação em deixar sua obra para posteridade. Ele tinha conhecimento dos trabalhos clássicos (greco-romanos), mas preferia não os mencionar (algo raro), e era conhecedor do latim e do árabe (fruto da função de chefe militar e diplomático da fronteira).

O Livro *Conde Lucanor* segue o caminho temático do diálogo entre um homem sábio com um rei, que era uma estrutura básica e tradicional de um texto didático, um procedimento que busca sanar o problema apresentado: o relato de uma pessoa que passa por um problema semelhante. Nele os personagens são ricos e bem descritos, não só arquétipos vazios, juntamente com a descrição do cenário e ambiente, marcam uma técnica e forma humana e realista, que possivelmente explicam sua fama até hoje.

No terceiro capítulo fazemos a análise do livro iniciando com a questão da trifuncionalidade (três ordens). Ideologicamente Don Juan Manuel parece dado a crença na teoria trifuncional, especialmente por sua mentalidade religiosa, e isso aparece no meio das histórias descritas nos exemplos de *Lucanor* como I e X. Neles existem uma preocupação com a devida ordem e função das pessoas dentro da sociedade, que devem respeitar a hierarquia e ordem.

Porém, ao identificar os personagens na obra vemos uma riqueza tão imensa que passa os limites das três ordens. Alguns destes homens medievais apresentados são: os reis, necessitando de bons conselheiros e lutando contra a intriga da corte e opinião popular; os cavaleiros, que descreve como pessoas que têm falhas, mas que devem aspirar a Deus através da lealdade e não se desviar do caminho da salvação; o clero também é representado como um grupo heterogêneo com homens nem sempre de todo bons e muito ligados a hierarquia e burocracia; os mercadores, todos estrangeiros e muito gananciosos, abençoados e amaldiçoados pela riqueza; o camponês é servil, caracterizado como qualquer outro homem com suas preocupações, vontades e desejos, mostrando a riqueza da sociedade ao ser músico, mendigo, guerreiro, necromante, charlatão, mulher, etc; os

mouros, inimigos da cristandade, também são possuidores dos mesmos sentimentos, necessidades, vontades e desejos dos cristãos em uma cultura diferente, mística e rica, detentores de muita sabedoria e capazes de redenção.

Quanto aos temas encontrados no trabalho podemos dividi-los entre os transcendentais ou espirituais que consistem na amizade, modéstia, amor, morte, salvação e ocultismo; e os terrenos que tratam da riqueza e renome, roubo e casamento. É interessante a construção destes a partir de histórias e aforismos, mas em linhas gerais todos são baseados em uma conduta idealista e moral do bem cristão que os guiará a salvação, buscando evitar exageros, vícios e manias. Mesmo que as punições por más atitudes não venham na vida (como roubo ou viver com a busca de riquezas no coração) o destino se encarrega de puni-los, que para o autor seria a figura divina e sua balança do bem e do mal. A morte é um tema interessante, tanto por sua visão cristã como pelo medo da perda da alma (e paralelos com sociedades guerreiras) ligada à riqueza e à corrupção pela usura. Através da amizade e amor são apontadas perspectivas de como estes relacionamentos devem transcorrer entre as pessoas e como impactam suas vidas, ambos podendo ser tanto verdadeiros ou falsos. A salvação da alma é o fim para qual todos os concelhos do livro e os exemplos temáticos apontam. O ocultismo é onde a figura do místico, dos praticantes de “magia” e o demônio como personagem aparecem descritos. Don Manuel parece juntar todas as condutas não cristãs e agrupa-las num grupo herético, mas nem todas as vezes os personagens ligados a elas são malvados (como o *nigromante* no exemplo XI). Já os temas terrenos não tem aspectos teológicos/transcendentais e são mais ligados ao cotidiano. A despeito do casamento é delineado as qualidades de uma boa esposa e marido, focando na escolha de uma donzela que apoia seu companheiro sem o desafiar. O roubo é compreendido como um fato que pode ocorrer pelo motivo do desespero ou da maldade que, embora possível de redenção, deve ser punido. A riqueza discute até que ponto as pessoas são dispostas a ir para o acúmulo de bens. Este tema se assemelha com o renome, porém este detém uma conotação de fama, honra e respeito através de seus feitos, que o autor aconselha serem bons e grandiosos dentro de sua função social.

A moral também é descrita e trabalhada ao longo de todas as histórias do livro, onde o autor cria limites do que considera certo ou errado. Nos exemplos XXVI e XLIII são descritas a mentira, a verdade, o bem e o mal, onde percebe-se que todos vivem em equilíbrio dentro da vida de uma pessoa, mas a mentira e o mal seduzem e estimulam a pessoa a se desviar da salvação. Independente das tentativas de ambos, a verdade e o bem sempre hão de prevalecer, se sobrepondo a seus antagonicos.

A última parte do capítulo fala da questão autobiográfica do livro. Muitos contos trazem paralelos entre situações de vida de Juan Manuel e suas histórias. Um exemplo seria o conto IX onde Lucanor (Juan Manuel) foi inimigo de um rei por muito tempo (Afonso XI), mas agora tem de se unir contra uma ameaça externa (Sultão do Marrocos). No livro existem insinuações de que Patronio parece ser o próprio senhor de Villena, aconselhando Lucanor que seria Juan Manuel em diferentes momentos de sua vida.

Conclui-se que a sociedade castelhana apresentada por Juan Manuel é muito rica e vívida. Ele a apresenta como composta por indivíduos detentores de suas próprias aspirações, mas que devem buscar na moral e ideologia cristã o caminho da salvação. Este apelo é fruto da falta de ordem e estabilidade social do século XIV, e da própria história de vida do escritor de *O Conde Lucanor*. A sua explicação da sociedade deriva das três ordens medievais, complementada por teias de relações entre nobres e plebeus, mercadores e o clero, meretrizes e filósofos, mouros e cristãos, apontando para uma visão mais plural da Idade Média. A apologética cristã aparece ao longo do texto devido (provavelmente) ao fato do reconhecimento de pecados e crimes que Don Juan cometeu

ao longo de sua vida, e o medo da danação do inferno que o faria pagar por tais pecados. Isto influencia os temas como riqueza, roubo, ocultismo, deslealdade e desonra que se praticados afastam a pessoa da salvação.

A caracterização dos mouros pelo livro é outro ponto interessante devido à experiência do autor na função de *adelantado*, à paz formada com Granada na época de sua rebelião, a certa tolerância e ao conhecimento sobre a cultura e língua muçumana. Mouros e cristãos eram inimigos da cristandade, e o próprio Manuel diz que combatê-los faz o bem a Deus, ao corpo e alma, mas vê-los representados como homens em momentos de vida e situações não tão diferentes dos cristãos (conto XXXV) contribui para sua humanização. Eles procuravam por esposas, tinham conselheiros, se preocupavam com a família, etc... da mesma forma que cristãos, com o diferencial cultural.

Escrito em prosa vernácula, com aspectos autobiográficos, e fruto da troca cultural cristã e muçulmana, é um dos precursores de obras em língua castelhana. Detentor de morais e concelhos de um nobre para seu leitor, é uma excelente produção para se compreender o pensamento, cultura e moral no período pela visão do senhor de Villena.



# A UTOPIA CIENTÍFICA DE GABRIEL TARDE COMO SÁTIRA AS MUDANÇAS PEDAGÓGICAS NA FRANÇA DO SÉCULO XIX

Autora: Magda Nunes Ganciné

Orientador: Rafael Faraco Benthien

Palavras-chave: Utopia, Gabriel Tarde, Literatura

No ano de 1896 vem a público o conto *Fragmento de História Futura*<sup>1</sup>, escrito pelo professor do Collège de France Gabriel Tarde. Obra atípica do autor em meio a seus escritos acerca de sociologia e criminologia, se trata de uma ficção especulativa sobre a continuidade da humanidade em vida subterrânea, durante uma catastrófica era do gelo decorrente do apagamento do sol, propondo como a ciência e artes seriam capazes de substituir a natureza para a manutenção da vida através das especificidades de cada uma dessas ciências, numa sociedade homogênea, normatizada e racionalizada.

A análise de uma obra entrega vestígios do contexto em foi concebida, caso receba a pergunta oportuna do leitor. Ao perceber e identificar como o autor situou suas percepções no discurso, a literatura se mescla com documentação histórica e discussão social. A relação estabelecida entre obra, autor e contexto revela segredos e torna a leitura mais profunda. Averiguando a vida acadêmica pregressa de Gabriel Tarde, não é mais possível ler o *Fragmento* como uma história jocosa inspirada na literatura de relatos de viagem, muito descritiva e exagerada, como sugere à primeira vista. Conhecendo o contexto francês de reformas pedagógicas, o conto pode ser lido por viés satírico, crítico e debochado das obras utópicas, ou pessoalmente uma catarse das inquietações de Tarde. O mundo subterrâneo da obra se relaciona com verossimilhança as discussões sobre a transmissão de conhecimento – comuns na época - a partir de uma perspectiva de alguém inserido no ambiente universitário que se posicionava, porém, contrário a pontos das propostas de mudança pedagógica vindos especialmente de Émile Durkheim, sociólogo contemporâneo e crítico de Tarde. A natureza utópica do *Fragmento* o aproxima como crítica, em especial, ao projeto de especialização das ciências sociais de Durkheim, no século XIX na França.

A trajetória acadêmica e independente de Tarde o colocava num local pouco fixo nas discussões sociológicas e literárias<sup>2</sup>. A figura moribunda do literato e historiador romântico desse período de transição em Tarde se manifesta como sátira à particularização das ciências dentro das universidades e, no presente trabalho busco relacionar as proposições de transformação do sistema de ensino francês do século XIX a partir de um gênero de escrita ficcional, cuja proposta especulativa hiperbólica forma um objeto que se confunde e se suplanta com a história, e como essa forma de crítica dentro da academia é

---

<sup>1</sup> TARDE, Gabriel. *Fragmento de História Futura*. Desterro: Cultura e Barbárie, 2013.

<sup>2</sup> VARGAS, Eduardo Viana. *Antes tarde do que nunca: Gabriel Tarde e a emergência das ciências sociais*. Vol. 3. Contra Capa, 2000.

coerente com a figura de Tarde, onde o academicismo e o conhecimento autodidata se desenrolavam e dialogavam.

Esta pesquisa foi dividida em cinco capítulos fragmentados, porém, que se encaixam e se comunicam, diferente das cidades-grutas descritas em *Fragmento de História Futura*, para melhor compreensão da discussão da obra e sua abrangência e relevância. Inicialmente é abordado o nascimento do gênero literário utópico a partir da Utopia de Thomas More<sup>3</sup> e as diversificações semânticas a partir de conceitos como sátira, relatos de viagem, crítica e ruptura social, ficção científica e possibilidade intelectual e filosófica de se atingir um ápice social. Desde então, seu significado passou por modificações diversas dentro e fora da literatura, como o significado de imaginário geográfico, de dicionário, teoria política, sintoma social, previsão de futuro e relato de viagem, em diálogo com seus contextos históricos nesses cinco séculos. O significado literário manteve-se por muito tempo como o não-lugar de perfeição e felicidade, irreal, incorruptível, o lugar impossível de existir, que deve ser protegido da maldade do mundo externo, enquanto na interpretação política era visto como projeto racional para a solução de problemas reais. Sua caracterização como gênero literário não teve apresentada um ponto de partida, sendo possível ser classificada a partir da ficção científica do século XX, da sátira ou do subgênero romance científico de H. G. Wells<sup>4</sup>. Além de representar um lugar – ou mais precisamente com o termo grego, não-lugar – é fundamental saber que a utopia sempre é; ela nunca será. Ela é estagnada<sup>5</sup>, pois atingiu a perfeição. É possível fazer uma correlação com o estudo histórico: a História não existe no não-lugar, pois a utopia é o tempo presente imutável.

O que define a utopia é, considerando como gênero literário, é o *distanciamento* físico e de atitude mental do que ela representa, com *regulamentação rígida*, porém seguida de modo não autoritário<sup>6</sup>. O *coletivismo* se sobrepõe a qualquer minoria (*uniformidade social*) e individualidade e garante a igualdade social e *imutabilidade* necessárias para que o grupo se mantenha equilibrado, além de possuir *independência econômica* que manterá a utopia isolada do mundo externo, fonte de malefício. Muitas utopias se baseiam em ideais de *racionalidade extrema* como solução para qualquer problema, erradicando demonstrações do que for considerado natural, pois é considerado primitivo e uma ameaça à ordem social. Tal racionalidade leva a um subitem de *fé mínima*, pois a religiosidade provocaria um poder paralelo ao estado colocando em risco a uniformidade social e existência de hierarquia entre crentes e não-crentes. Para exemplificar o funcionamento dessas características comuns em utopias, existem obras anteriores em que foram aplicados, nem sempre em sua totalidade, mas o isolamento e coletivismo estão sempre presentes.

Dentro deste gênero, considerando o recorte de tempo definido para o trabalho, vários autores se destacam, dentre eles o já citado Thomas More com a *Utopia* (1516), *Le Livre de la Cité des Dames* (1404) de Christine de Pizan, *A Cidade do Sol* (1602) de

---

<sup>3</sup> MORE, Thomas. *Utopia*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

<sup>4</sup> PENNA J. C. *Ficção científica (da condição inumana)*. Disponível em: <https://www.dropbox.com/s/70ix8qy8sccjpq8/Penna.2008>. Acessado em 17 de junho de 2018.

<sup>5</sup> JAMESON, Fredric. *Archaeologies of the future: The desire called utopia and other science fictions*. Verso, 2005.

<sup>6</sup> TROUSSON, Raymond. *Viaggi in nessun luogo: storia letteraria del pensiero utopico*. 1992.

Tommaso Campanella, *Nova Atlântida* (1627) de Francis Bacon, *As Viagens de Gulliver* (1726) de Jonathan Swift, *Vril* (1871) de Edward Bulwer-Lytton e *Erewhon* (1872) de Samuel Butler. Em comum nessas obras está a descrição do local visitado pelo viajante, alguém de fora, corrupto, se sobrepondo a descrição das particularidades das pessoas, pois, como citado anteriormente, socialmente são uniformes. A sociedade utópica funciona perfeitamente vista de dentro, porém o viajante, observando de fora da coletividade, percebe desvios na perfeição defendida. O corrupto, o externo, deve ser expulso para não contaminar a sociedade ideal, como acontece, por exemplo, com Gulliver nas ilhas que visita – inclusive *As Viagens de Gulliver* apresenta nuances absolutamente distópicas muito anos antes dessa literatura ser comum. A crítica pode ser sutil, mas assim que é percebida, se vê em exagero - qual Gulliver observando em detalhes a imundície e repugnância física da sociedade dos gigantes de Brobdingnag - impossível de ser ignorada, em vários casos nas obras citadas, inclusive provocando risos insensatos, pois estamos rindo de uma decadência social. Essa fórmula literária se repete em vários livros e contos e abre espaço para crítica da sociedade do próprio autor, voltando para a ideia da relação autor com obra e contexto. É possível observar tudo isso no *Fragmento*. O século XIX foi frutífero a esse tipo de literatura especulativa, seja ela de viés científico ou rural. Essa dicotomia também constituía um debate relevante no século XIX, no qual o cientificismo e racionalidade extremos poderiam ser vistos por perspectivas diversas, seja como solução ou como causador de males, refletindo na produção literária utópica, com na utopia rural em completa oposição a uma contraparte científica como o *Fragmento de História Futura*. Findando a explicação do termo utopia, existe a segmentação antiutópica e distópica como partes de um prisma de pensamento do século XX que pode ser considerado à luz da literatura e crítica de épocas anteriores, devido à proximidade política que o controle extremo da utopia nos proporciona. A antiutopia define-se, portanto, como o desencontro das necessidades sociais e individuais dentro da utopia caladas a partir do controle político. O termo distopia é considerado nesse trabalho como sinônimo de antiutopia, porém existem autores que os diferenciam de acordo com suas similitudes com a utopia e não como opostos.<sup>7</sup>

Em continuidade à ideia de ruptura utopia e antiutopia apresentada no capítulo 1, aqui ela é apontada através das reformas pedagógicas que vinham ganhando espaço nos locais de produção de conhecimento em ciências sociais na Europa, especificamente aqui discutido, na França, apresentando as propostas de Émile Durkheim no final do século XIX, referente à especialização de conhecimentos e o conflito com Gabriel Tarde, num combate estrutural de quem possuía mais força no meio intelectual: o literato livre de Tarde ou o acadêmico especializado de Durkheim. Meios intelectuais diversos se comunicavam e se enfrentavam nas defesas de ambos em relação à ação da ciência e independência do estudo, sobre a valorização da ideia de solidariedade social de Durkheim como um meio facilitador pedagógico ou como um controle abusivo. O embate entre os dois intelectuais era constante em seus textos publicados, com Tarde defendendo o lado psicológico da pedagogia, e Durkheim, o viés sociológico. É importante manifestar que essa discussão não ocorria apenas nesse breve período de contato entre os dois sociólogos buscando mais relevância na academia francesa; o papel da ciência e transmissão de conhecimento dentro das universidades eram discussões que aconteciam há décadas em outros locais na Europa, expondo como era um assunto pertinente na sociologia<sup>8</sup>, com

---

<sup>7</sup> MOYLAN, Tom. *Dark horizons: Science fiction and the dystopian imagination*. Psychology Press, 2003

<sup>8</sup> RINGER, Fritz K. *Fields of knowledge: French academic culture in comparative perspective, 1890-1920*. University of Toronto Press, Back In Print, 1992.

nomes como Karl Marx, Max Weber e Auguste Comte – outro alvo de críticas de Durkheim<sup>9</sup>, com acentuada transformação institucional ocorrendo paralelamente. Não é possível ignorar as pretensões acadêmicas de Durkheim ao criar essa discussão entre a figura do antigo estudioso romântico e novo acadêmico positivista: Durkheim buscava projeção institucional e prestígio intelectual. Acusar alguém na posição de Tarde de anticientificismo nesse contexto chamaria a atenção, considerando suas obras como produto de subjetividade irracional, portanto, impróprias ao caráter racionalista proposto ao ensino. Suas oposições teóricas levaram, posteriormente no início do século XX, a se dar um título de vencedor a Durkheim, considerado um nome mais relevante na sociologia francesa do Tarde, um título que, na verdade, enfraquece todo o debate ocorrido, diminuindo sua importância.

Acrescentando um elemento à discussão, Gabriel Tarde figura como singular em seu tempo dentro e fora da academia na questão do debate pedagógico, citando seu posicionamento contrário do controle e homogeneidade de Durkheim e questionando a abrangência de sua cientificidade e tematização detalhada do social. Além disso, busco relacionar como a qualidade informal e única do estudo de Tarde dentro da academia também pode ser vista na sua produção literária, visto num breve resumo de *Fragmento de História Futura*. Apontando os signos utilizados e considerando que foi escrita como a literalidade da questão da molecularização e especialização dos conhecimentos e a possível falta de diálogo entre eles, representados pelas bolhas subterrâneas, cada vez mais distantes e impessoais da superfície e da sociedade, tais signos substituem argumentos utilizados em textos de embate entre os autores, apontando como o discurso aplicado à realidade nem sempre se manifesta da forma ideal. A homogeneidade social defendida por Durkheim em *Da divisão do trabalho social* também é criticada no *Fragmento* em seus trechos de maior chacota e alheios à humanidade dos que ousam fugir de tal similitude, confrontando o utilitarismo da sociologia como impraticável para manter a solidariedade social ou de confrontar sociedades diversas – exemplificada com o encontro com os “selvagens” chineses durante escavações espeleológicas. Por se tratar de uma obra utópica, a solução social apresentada – interiorização física e introversão mental em relação à natureza - não contém erros grotescos ao leitor desavisado, mas o distanciamento físico e de atitude mental, regulamentação rígida, coletivismo, uniformidade social, imutabilidade e racionalidade extrema citadas no primeiro capítulo estão presentes, e todos esses atributos podem ser criticados, além de estarem todos presentes nos textos publicados por Durkheim sempre que houve citação negativa ao nome de Tarde. O conto é uma resposta literária, mais abrangente ao público do que seria uma publicação acadêmica, à Émile Durkheim, e tal movimento faz sentido ter partido de Tarde, por ser uma figura intermediária entre a academia e a literatura, que conseguia se comunicar com diferentes círculos de discussão de sua época.

A literatura produzida dentro da academia por Tarde possuía um caráter satírico e crítico as novas propostas, utilizando uma linguagem de tom informal, acessível e, ao mesmo tempo, ácida. Sua escrita não é apenas uma defesa as suas ideias, mas uma resposta irônica aos constantes ataques que sofria enquanto tinha sua posição acadêmica ameaçada por Durkheim. Assim como Tarde e Durkheim ora se aproximavam e concordavam no debate, ora se afastavam, a utopia do *Fragmento* se aproxima de elementos antiutópicos em seu final, talvez transmitindo um desejo de Tarde quanto as teorias de seu jovem

---

<sup>9</sup> DURKHEIM, Émile. *Da divisão do trabalho social*. São Paulo: Martins Fontes, 1977.

colega: elas buscam uma especificidade tão grande que no fim serão aplicadas a somente um tipo de ser humano, o acadêmico isolado. Quando Durkheim desconsidera as particularidades individuais em detrimento da homogeneidade e coletivismo, ele dá espaço ao caráter antiutópico não apenas do conto, mas de suas proposições sociológicas, como profetizado:

*“O contra-Éden tecno-troglodita não consegue emancipar-nos de todos os atavismos. A sociedade perfeita mas “exacerbada e forçada” do futuro possui seus “refratários”, que se entediam com a homogeneidade monótona do ambiente artificial.”*<sup>10</sup>

---

<sup>10</sup> DANOWSKI, Déborah, Eduardo Viveiros de Castro. *Há mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins*. Desterro: Cultura e Barbárie, 2014.